

O SHOW DE RAÍ

COM TRÊS GOLS, ELE DEIXOU O SÃO PAULO BEM PERTO DO TÍTULO.



Na primeira partida da decisão, a grande vantagem do São Paulo foi mesmo Raí. Ele comandou o time, deu o toque de classe habitual e liquidou o Corinthians com três gols, garantindo também a artilharia do Campeonato Paulista. Agora, o São Paulo só precisa empatar na segunda partida, domingo, ou até perder se empatar na prorrogação.



Foi um festival com quatro categorias em Interlagos, que começou com a grande atração do side-car (foto) e terminou com mais um título internacional para o automobilismo brasileiro: Affonsoinho, campeão da F-3 sul-americana.



Banespa é tricampeão de vôlei

A equipe do técnico Josenildo de Carvalho bateu a Pirelli no play-off do Estadual, sábado à noite, em Santo André. Mas não foi fácil. O jogo só foi decidido no tie-break com 3 sets a 2 para o Banespa: 15/12, 8/15, 15/7, 13/15 e 15/12.

COPA-94

O sorteio para a Copa dos EUA não foi ruim para o Brasil, que briga por dois vagos com Uruguai, Equador, Bolívia e Venezuela.

ADVANTAGE NEWS

"ARTE CONTRA FORÇA, NO TENIS DO IBIRAPUERA"
JORNAL DA TARDE

"O TORNEIO DA DÉCADA" ISTO É/SENHOR

"SE CONVIDADO OUTRA VEZ VOLTAREI COM PRAZER A ESTE PAÍS MARAVILHOSO"
JIMMY CONNORS

"VOCÊS ESTÃO DE PARABÉNS, FOI ÓTIMO"
IVAN LENDL

"A PARTIDA FOI DISPUTADÍSSIMA...LENDL ESTAVA UM DEMÔNIO"
FOLHA DE S. PAULO

"A CHEGADA DE LENDL E CONNORS...TÃO AGITADA QUANTO A DE ASTROS DO ROCK"
JORNAL DO BRASIL

"UM PÚBLICO TAMBÉM ESPECIAL"
FOLHA DA TARDE

"LENDL VENCE NO IBIRAPUERA LOTADO"
O ESTADO DE S. PAULO



A Advantage do Brasil, enaltecida, agradece a maravilhosa participação do público, imprensa e patrocinadores neste primeiro evento que promoveu.

Acreditamos ter correspondido às expectativas de todos.

Em virtude do absoluto sucesso de público, brevemente serão divulgadas todas as informações referentes aos próximos eventos.

Aguardem novas surpresas!

Muito obrigado e até breve...

Advantage
DO BRASIL

Até o primeiro gol, o jogo estava equilibrado. Eram dois times preparados para vencer. Mas a arte de Raí desequilibrou. Os corinthians, jogadores e torcedores, começaram a se sentir pequenos. E aos poucos foram sumindo.

O Corinthians não tinha um artista



A epopéia são-paulina começou com o gol de Raí — um poema ao futebol — e se tornou irreversível diante da reação dos jogadores do Corinthians. Eles se sentiram tão pequenos e indefesos diante daquela manifestação de arte que acabaram se rendendo às evidências. Na verdade, o São Paulo ganhou (3 a 0), ontem no Morumbi, por desistência. A partir daquele momento mágico, o clássico que deveria valer metade do título transformou-se num solo do melhor time da competição em uma exibição pessoal de Raí — e uma das partidas mais fáceis do campeonato.

Pela primeira vez em sua existência, a inesgotável, apaixonada e atuante torcida corinthiana assistiu em silêncio ao funeral de uma ilusão, representada por um time que não sentia a camisa e que parecia não ter aprendido o que é ser corinthiano.

Quem sabe se não acontecesse aquele gol a história seria diferente. Mas felizmente ainda existe um jogador da linhagem de Raí, que parece jogar de acordo com a importância do espetáculo e sempre reserva a ele a sua última criação. Um processo que parece nunca ter fim.

No começo, foi um clássico de verdade, disputado por times preparados para vencer. Engano pensar que não havia marcação especial sobre Raí. Ao contrário. O melhor jogador do País dividia as atenções de dois marcadores: de Márcio, no primeiro combate, com um outro volante de espera. Se a jogada acontecesse do lado direito do ataque, Ezequiel ficava na cobertura. Pela esquerda, Wilson Mano era quem dobrava a marcação.

Na jogada do primeiro gol, depois de receber o passe de Macedo, Raí dominou a bola e em um corte só desviou-se de Márcio e Mano. Da intermediária, desferiu um chute perfeito, no meio da bola, que entrou no ângulo.

Até ali o Corinthians tinha as suas ambições intactas e sabia também como atacar. Paulo Sérgio ou Dinei voltava pela esquerda...



Orlando Kistner/AE

FICHA TÉCNICA

São Paulo: Zetti (8), Cafu (7), Adilson (7), Sérgio Baresi, s/n, Ronaldo (6) e Nelsinho (7); Sidnei (8), Suélio (7), Ronaldo, s/n, Raí (10) e Elivelton (3); Macedo (5) e Müller (6). **Técnico:** Telê Santana (7).
Corinthians: Ronaldo (4), Giba (5), Marcelo (5), Guinei (4) e Jacenir (6); Márcio (2), Tupázinho (3), Ezequiel (7), Wilson Mano (6) e Paulo Sérgio (6); Marcelinho (6) e Dinei (4). **Técnico:** Cilinho (6).
Gols: São Paulo 1 a 0, aos 16 minutos, Raí parte do meio campo, passa por três adversários e chuta no ângulo direito.
São Paulo 2 a 0: Raí, de pênalti, aos 14 do segundo tempo.
São Paulo 3 a 0: Elivelton bate escanteio do direito, Raí, junto à primeira trave, marca de cabeça.
Renda: Cr\$ 369.297.000,00 (novo recorde brasileiro).
Público: 102.821 pagantes.
Juíz: Oscar Roberto Godoy (Bom).
Cartão vermelho: Dinei, aos 21 do 2º tempo.
Cartões amarelos: Cafu e Sidnei (jogo brusco); Paulo Sérgio (indisciplinado).
Local: Morumbi, ontem à tarde.
Próximo jogo: domingo, às 17 horas no Morumbi.

Mano e Sidnei disputam a bola. Enquanto Raí não marcou o primeiro gol, o time do Corinthians enfrentava o São Paulo de igual para igual. Mas depois, como se tivessem ficado impressionados, os corinthians foram piorando e os são-paulinos, melhorando.

da, para receber a bola do meio campo. No mesmo momento, Mano, Ezequiel e Marcelinho avançavam do lado oposto, permitindo a virada de jogo. Mas o São Paulo parecia preparado para tudo, como se sempre adivinhasse o movimento seguinte do adversário. E desta vez contando com um meio de campo em estado de graça, a ponto de não precisar tanto de Macedo e Elivelton, que continuavam inibidos.

Cinco minutos depois do gol que pode decidir o título, Ezequiel também arrancou ousadamente do meio de campo, evitou dois adversários, chegou até a área, mas na hora de concluir procurou a tabela com Dinei e recebeu um pedido de desculpas, pois a defesa cortou o passe mal feito. Aqueles cinco minutos alcançaram o milagre da síntese, demonstrando que o futebol tem lógica e ainda é formado por vencedores e perdedores.

O Corinthians de verdade, das vitórias heróicas e viradas impossíveis, a torcida só viu um pouco nos onze primeiros minutos do segundo tempo, quando os jogadores voltaram arrepiados do vestiário. Zetti chegou a fazer cinco defesas seguidas, a ponto da torcida corinthiana voltar a participar do espetáculo. Mas no primeiro contra-ataque, Müller lançou Macedo, que entrou livre para driblar Ronaldo e sofrer pênalti. Raí cobrou, marcou e fez também o terceiro gol, de cabeça.

Quando o São Paulo passou a jogar contra o relógio, aconteceu outro pênalti. Mas a cena que se seguiu deu a entender que o jogo já havia acabado, na mente dos próprios corinthians. Wilson Mano acertou a trave e Tupázinho ficou tão envergonhado, que, da pequena área, chutou de lado. A bola, virando, saiu do lado oposto.

Aí o mundo corinthiano desabou de uma vez e surgiu essa nova força, que adornou com um glamour especial um futebol que, aos poucos, perdia o encanto e os seus encantadores, diante das obrigações táticas e da escravidão das vitórias. Esse mesmo São Paulo que fez das finais — a maioria delas difíceis de assistir — um verdadeiro show business.

Sérgio Baklanos

O JUÍZ

Foi uma surpresa a escalção de um árbitro sem experiência para a primeira partida das finais. Pelo fato de o São Paulo não ter tendência alguma em utilizar ou sofrer o jogo bruto e a obrigação de inverter a vantagem no campeonato, o que certamente acentuaria a conhecida garra corinthiana, recomendava-se um juiz da linha dura, tipo José Roberto Wright ou Ulisses Tavares.

Mas o jovem Oscar Godoy comportou-se com muita segurança e maturidade. A princípio chegou até a impressionar mal, quando aceitou reclamações acintosas, peculiares do goleiro Ronaldo, e tolerou uma entrada violenta de Márcio sobre Suélio. Logo recu-

perou o controle, mostrou dois cartões e, como mostrava firmeza nas decisões, gradualmente ganhou a confiança dos jogadores. Errou em uma ou outra falta e se deixou levar pela encenação dos atacantes, mas não a ponto de atrapalhar a partida. Uma jogada de dúvida aconteceu antes do segundo gol do São Paulo, quando

Müller lançou Macedo livre, na direita. Além de estar na mesma linha da defesa, a decisão ficou muito mais para o auxiliar, bem colocado. No geral, o juiz tem boa colocação, condição física e disciplina. Mostrou-se firme nas advertências sem apelar. Foi o suficiente para garantir nota 8.

S.B.

Sidnei, Suélio... Um belo time.

O São Paulo não ganhou o jogo e o meio campo só por causa de Raí. Embora a sua atuação estivesse bem acima dos simples mortais que o cercavam, Sidnei e Suélio também foram influentes.

Sidnei, além da marcação, fazia coberturas impecáveis quando Cafu avançava — o que tornava inúteis as deslocções de Ezequiel para a esquerda. Suélio também foi de muita utilidade na marcação. Além disso, mostrou muita frieza, sem se impressionar com a importância da partida. Ele se destacou também na entrega de bola, a sua



Cafu: importante.

principal característica já Raí, percebendo o que o aguardava, passou a voltar até a defesa para ser lançado. Partindo com a bola dominada, ele conseguia com mais facilidade se desembaraçar da marcação pessoal que os corinthians tentaram executar sobre ele. A defesa sofreu um pouco no começo, principalmente no setor de Ronaldo, quando

Dinei, Paulo Sérgio e Wilson Mano penetravam com a bola. Mas à medida em que o meio campo ajustou-se, todos os setores foram se encaixando. Adilson e Nelsinho jogaram como zagueiros, atrás. O lateral-esquerdo fechou o espaço que o adversário costuma aproveitar com as projeções de Giba.

O ataque, com Cafu muito controlado pela marcação e Nelsinho em funções defensivas, passou a depender dos contra-golpes. Pela esquerda, Elivelton deveria voltar para preencher o espaço que o lateral esquerdo deixava. Macedo melhorou apenas quando o Corinthians mudou o seu esquema de jogo, ao retirar Márcio. Com Raí roubando a cena, o ataque nem precisou tanto de Müller, que ficou imobilizado na frente, e nem dos pontas.

(S.B.)

Marcação no meio: foi tudo errado.

A demolição do Corinthians começou exatamente no meio de campo, quando a marcação planejada no vestiário não deu certo. Teoricamente, seria a medida mais certa para neutralizar um dos raros jogadores de luz própria do futebol atual, marcá-lo com dois volantes, um deles na espina.

Mas Márcio, não se sabe bem porque, talvez por se sentir humilhado, não se dispôs a acompanhar Raí de perto, sem deixá-lo escapar para as laterais. Ficou a impressão de que a marcação deveria ser mista: pessoal de Márcio — e por zona nas laterais com as coberturas de Ezequiel e Mano.



Ezequiel: pouco útil.

Outro erro foi marcar Raí, apenas da risca do meio de campo para a frente. Wilson Mano chegou a combatê-lo uma vez na intermediária do São Paulo para impedir que viesse de trás com a bola dominada. A jogada do primeiro gol — fundamental, no deslance da partida — tornou-se um exemplo clássico disso. A defesa, mesmo tendo de marcar apenas três atacantes na frente, deu sinais de muita insegurança. Ronaldo, por exemplo, deixou-se dominar pelos nervos, a ponto de investir sobre um camião de tevê, assim que o primeiro tempo acabou, quando este, ao pedir lbe a camisa, criticou a sua atuação. Com a agravante de que, desta vez, Giba jogou atrás, ajudando nas coberturas, já que não teve liberdade para apoiar e tentar o gol, como de hábito.

A substituição de Márcio foi perfeita, só que Tupã não conseguiu acabar o seu lugar no sistema, perambulando pela ponta e pela meia, com se fosse um corpo estranho ao setor. O ataque, apesar de tudo, tratou de fazer a sua parte. Dinei, embora rendesse pouco, foi muito esforçado nas deslocções, não se entregando aos marcadores. Ezequiel funcionou no apoio, mas não teve companhia; e Marcelinho deixou a impressão de que, com alguém para facilitar as jogadas, teria conseguido muito mais.

S.B.

QUARTA FEIRA TEM CLÁSSICO NO PACAEMBU. (A PREÇOS POPULARES)



ORQUESTRA NOVA FILARMONIA. REGENTE: LEONE MAGIERA

Pavarotti O SHOW DA DÉCADA

SPONSOR: SUL AMERICA SEGUROS. REALIZAÇÃO: Tibor Rudas @ dell'arte

INGRESSOS A PARTIR DE Cr\$ 10 MIL



A VENDA NAS BILHETERIAS DO ESTÁDIO, TEATRO MUNICIPAL E LOJA AMOR AOS PEDAÇOS (Shopping Iguatemi). 15 toneladas de som, 100 músicos no palco, 2 super telões, raios laser, fogos de artifício. Esse é o pano de fundo da superprodução que vai trazer o maior cantor de todos os tempos para uma única apresentação no Brasil. Se você perder PAVAROTTI ao vivo no Pacaembu, você não vai ter outra chance de ver este clássico. Aceitam-se cartões de crédito (Amex, Creditcard e Dinners).

ÚLTIMOS INGRESSOS

Os jogadores culpam Cilinho. Ele desprezou o craque.

Sem marcação individual, o meia Raí levou os corintianos ao desespero. O descontentamento com a opção de Cilinho (ele comandou marcação por setor) era geral. Mas ninguém teve coragem de reclamar.



A desastrosa marcação corintiana sobre Raí trouxe consequências que variaram das lágrimas a uma hemorragia de úlcera. O descontrole nervoso dos jogadores após a goleada, se cristalizou quando o árbitro Oscar Roberto de Godoy encerrou o pesadelo. Com os olhos marejados, Ronaldo, Marcelo, Guinei e Marcelinho fizeram um cortejo fúnebre até o vestiário. O capitão do naufrágio tentou consolar o time:

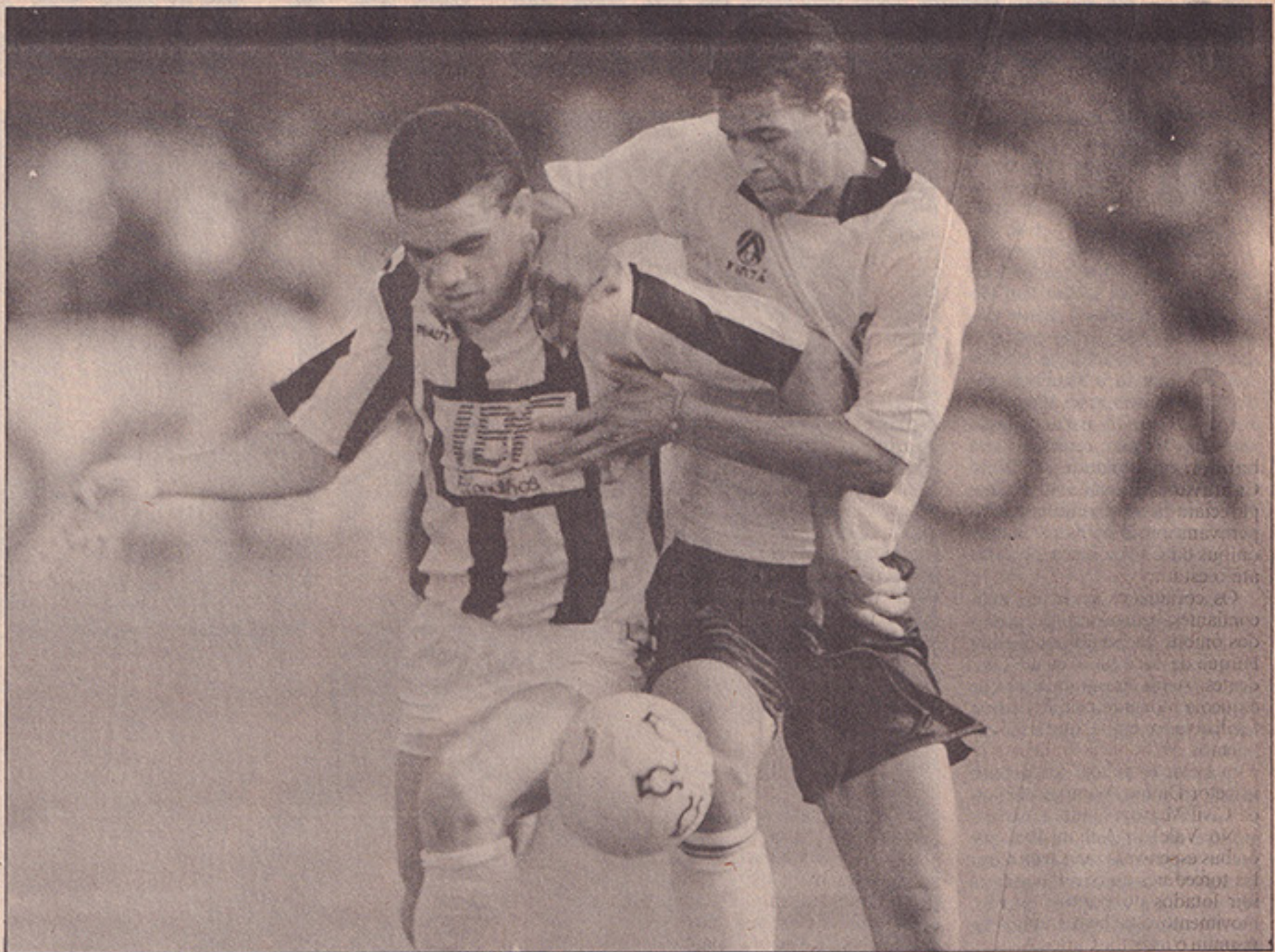
— Vocês precisam continuar com a cabeça erguida. O campeonato ainda não foi perdido. Nestas horas difíceis é que devemos mostrar a nossa força interior — declarava Cilinho a um grupo de jogadores que buscavam nos chuveiros o reconforto pelo banho tático.

Apesar de ninguém ter coragem suficiente para citar nominalmente Cilinho, os jogadores o criticaram indiretamente pelo fato de a equipe haver marcado o principal articulador são-paulino por setor. “O meio-campo deu muito espaço para ele (Raí) e sobrecarregou a defesa. Ficamos perdidos”, confessava Marcelo. “A determinação foi marcá-lo por setor. Mas faltou vontade, garra e até solidariedade do time”, desabafava Ezequiel. Embora Cilinho tenha decidido que a marcação sobre Raí seria setorizada e apenas Ezequiel marcaria homem-a-homem Cafu, o treinador se desesperou quando Raí fez o primeiro gol. No intervalo ele discutiu com Márcio, que se limi-

tou a olhar o meia investir com a bola e chutar com tranquilidade da entrada da área. Rispidamente o técnico falou que ele deveria tê-lo marcado e, com a desvantagem de um gol, o Corinthians seria mais ofensivo, com Tupázinho no seu lugar.

— Não tenho nenhuma mágoa do nosso treinador. O Cilinho fez o que eu faria como treinador: tiraria um volante e colocaria mais uma atacante — dizia, sem graça. Enquanto Dinei tentava resolver com pontapés nos adversários a decepção pessoal — até cavar a própria expulsão — por perder o importantíssimo jogo de ontem, Marcelinho conseguiu conter seus nervos. As lágrimas de ódio que caíram no gramado lhe bastaram. “Essa era uma partida para os jogadores mais experientes passarem tranquilidade para mim e para o Dinei. Só que eles pareciam descontrolados. Quando senti o quanto estavam nervosos, tratei de me controlar e pensar no jogo. Até consegui arrumar um pênalti...”, destacava. “Cobrei certo de que iria marcar, mas a bola foi na trave”, comentava Mano.

No naufrágio emocional que dominou o time, a pior vítima foi o preparador de goleiros Agnaldo. Quando começava a dar a sua versão para a derrota ao JT, ele começou a passar mal. “A rapaziada está triste, mas vai se recuperar...”, sem conseguir concluir a frase, ele se encostou num banco e passou a reclamar de dores no estômago. O médico Joaquim Grava foi chamado e ao vê-lo suando muito, não teve dúvidas: os sintomas eram de



Corintiano “roxo”, Dinei não se conforma com a expulsão. A final para ele acabou.

uma hemorragia na sua úlcera nervosa. Grava pediu uma ambulância e seguiu com ele até o hospital Carlos Chagas.

Como numa estatal falida, a derrota corintiana deve ser repartida com a parte administrativa. Vicente Matheus conseguiu ser tão infeliz quanto a marcação em Raí proposta por Cilinho. Depois de fazer os cálculos de quanto o Corinthians deveria arrecadar se fosse campeão, o dirigente foi ontem pela manhã ao Hotel Samoa avisar aos jogadores que havia se arrependido por haver concordado com a premiação de 50% da arrecadação líquida das finais. “O Corinthians não pode abrir mão de tanto. O prêmio de vocês é 25%, mais Cr\$ 60 milhões e acabou”. Com esse tom ditatorial, Matheus conseguiu tirar o segundo quesito mais importante para derrotar o São Paulo: a tranquilidade. O primeiro era a marcar Raí. **Cosme Rimoli**

E Dinei fica fora da decisão: ‘Perdi a cabeça’.

O Corinthians trocou a vibração pela apatia. Nem parecia que o time estava começando a decidir um campeonato. Dos onze escalados por Cilinho, apenas um tinha no sangue a mesma euforia que costuma se espalhar nas arquivancadas. Dinei encarnou essa emoção. Correu por todos os lados tentando empurrar os zagueiros do São Paulo para dentro do gol e, ao mesmo tempo, despertar seus companheiros.

A força de vontade do atacante durou até os 27 minutos do segundo tempo. Um pontapé, por trás, em Suélio e Dinei se despediu do campeonato. Contrariando, saiu de campo e foi chorar por dez minutos nas escadas do vestiário. O seu desabafo: “Choro

porque sou corintiano roxo”.

A expulsão do centroavante apagou o que restava do Corinthians. “Pior não é isso, o duro é ficar de fora da decisão. Fico mais machucado ainda por dentro de saber que não posso jogar a final”, lamentava Dinei. No instante em que deixou o campo, a revolta era com o árbitro Oscar Roberto de Godoy: “Olha minhas pernas cheias de marcas. O São Paulo deu botinada o tempo todo e os caras não levaram cartão. A primeira que dei, ele me expulsou”. Depois, banho tomado, abraçado à namorada, a razão obrigou a reverter a crítica: “A expulsão foi certa, peguei o Suélio por trás. O que acho engraçado é que eu não tinha rece-

bido nenhum cartão”.

Se depender de Dinei, Cilinho já sabe quem deve vestir a camisa nove: “Tem de ser o Tupã, que está mais no jogo”. Dinei, no domingo, deve retornar a um espaço do estádio que costumava frequentar quando era um simples aprendiz de jogador de futebol: as arquibancadas.

Integrante da torcida Gavieiros da Fiel nos seus tempos de juniores, Dinei sabe o que é empurrar um time à vitória: “Vou torcer como antes. O nosso time tem personalidade e vai reverter a vantagem do São Paulo. Vai ser difícil ficar olhando sem poder jogar. Não tem outro jeito. Fazer o quê? Perdi a cabeça”.

L.A.P.

“Não jogo para perder. Vamos reverter esse resultado.”



Cilinho diz que a vitória do São Paulo foi “inconteste”

Temos de reconhecer com o pé no chão e muita humildade que a vitória do São Paulo foi inconteste. Tomamos todas as providências contra os contra-ataques de Macedo e Müller e falhamos em alguns detalhes, que eu prefiro guardar para mim e conversar depois com os jogadores. A surpresa aconteceu com o gol de Raí, naquele momento quem estava com o gol na garganta era a torcida corintiana. O primeiro gol foi uma ducha fria na rapazeada. O segundo aconteceu de uma infelicidade.

A substituição do Márcio pelo Tupázinho aconteceu porque o Márcio não estava fluindo do jeito que eu queria. Não foi um risco. Não jogo para perder. Jogo com a cabeça e tudo estava planejado. Pode apostar que o time vai entrar com tudo na próxima

partida. Nada é impossível, estamos acostumados com desafios, esse é o espírito do Corinthians. Os jogadores são como os torcedores, não se entregam nunca. Conto agora com o apoio mais forte da torcida durante a semana para manter o astral positivo.

Com muita conversa sadia vamos trabalhar para fazer o possível e o impossível e reverter essa situação. Sou o responsável não só pelo sucesso, mas nos resultados adversos também. Assumo a responsabilidade. É cedo para falar quem deve ocupar a vaga de Dinei. Na terça-feira, começaremos a pensar nesse assunto. Repito, concho a gente toda do São Paulo com muita propriedade. A vitória foi inconteste, perdemos por alguns detalhes.

Os detalhes da derrota serão examinados com todo cuidado,

sempre com os pés no chão. O que eu disse para os meus jogadores, repito agora: nada se compara como deixar o campo com a consciência tranquila do trabalho cumprido. O futebol tem muitas surpresas.

Como posso contestar a vitória do São Paulo se hoje (ontem) o Raí estava com a estrela? No próximo jogo, esse fator pode estar do nosso lado. O Corinthians não está morto. O campeonato não acabou.

Estamos acostumados a reverter situações piores que esta. Não adianta vocês (repórteres) insistirem, a partir de terça-feira (amanhã) começaremos a examinar mudanças ou não no time. Tudo vai sair de uma conversa tranquila e sem emoção. **(Depoimento a Luís Antônio Prósperi)**

“Tática? Nós só subemos aproveitar as chances.”



O técnico Telê Santana afirma: “Não jogamos para empatar”.

Mostrei mais uma vez que não entrei para empatar, apesar de ter essa vantagem. Dirijo um time com jogadores que sabem atacar. Assim, só fiz utilizar esse dom. A vitória de hoje (ontem) só aprimorou nossa vantagem mas não nos confere o título de campeão. O resultado de 3 a 0 foi anormal — é muito difícil acontecer isso em um clássico, principalmente num jogo de final.

O São Paulo teve mais sorte. Foi o time que soube jogar sem se preocupar com o adversário. Não foi uma vitória tática mas da equipe que soube melhor aproveitar suas chances. Ouvi muita gente dizer que o São Paulo jogou no erro do adversário e, dessa maneira, chegou facilmente à vitória. Não é verdade. Fiquei surpreso com o nervo-

sismo do time do Corinthians, especialmente do Márcio. Cilinho fez muito bem em substituí-lo no intervalo, eu teria feito a mesma coisa.

Não consigo ficar tranquilo, apesar da vantagem.

Outro acontecimento que nos ajudou muito foi a expulsão de Dinei. Apesar de isolado entre nossos zagueiros, ele sempre representou um perigo. Para o espetáculo, foi pena ele ter se irritado como os outros jogadores e provocado a sua própria expulsão. A ausência dele no próximo jogo no time corintiano será de grande valia para o São Paulo, algo parecido com a falta do Antônio Carlos na partida de hoje (ontem) que, graças a Deus, o

Corinthians não conseguiu aproveitar bem.

Apesar de jogar pelo empate no próximo jogo — se perdermos nos 90 minutos, ainda teremos a vantagem do empate na prorrogação —, não consigo ficar tranquilo. O Corinthians certamente vai entrar mais determinado que dessa vez, o que vai aumentar nossa responsabilidade de aproveitar o regulamento. Estou no futebol há muito tempo e já passei por vantagens bem maiores que acabaram não dando certo. Espero também contar com a boa fase do Raí, que já provou ser o melhor jogador do Brasil atualmente. Com ele no comando do meio-campo, ficará fácil manter nosso esquema tático.

(Depoimento a Ubiratan Brasil)

Um esquema de guerra. E funcionou.

Os torcedores foram vigiados a partir dos pontos de ônibus grátis. E as ocorrências foram abaixo da média de um clássico.

Os torcedores chegavam animados, vestindo as camisas do time preferido, com bandeiras, cornetas, bonés. Cantavam hinos da torcida e pareciam pacíficos enquanto esperavam impacientes na fila do ônibus da CMTC que os levaria até o estádio.

Os corintianos pareciam mais confiantes, batucavam nas janelas dos ônibus que saíam lotados do Parque da Luz, na avenida Tiradentes. A fila era grande, mas o esquema montado pela Prefeitura facilitava o embarque rápido. "Temos 50 homens trabalhando para evitar tumultos", explicou o inspetor Dalmo Alamo, da Guarda Civil Metropolitana.

No Vale do Anhangabaú, os ônibus esperavam mais tempo pelos torcedores do São Paulo para sair lotados do ponto. "Aqui o movimento está bem tranquilo", resumiu o inspetor Carlos Alexandre Braga, da Guarda Civil Metropolitana, que comandava 32 homens no local. "A única coisa que acontece são as provocações entre as torcidas quando os ônibus são corintianos".

Nada de depredações

As torcidas não pareciam dispostas a brigas e depredações antes do jogo, mas a Prefeitura não quis arriscar. Montou uma operação de guerra para garantir a segurança dos 200 ônibus da CMTC, com 280 policiais da GCM e 55 viaturas espalhadas pelo trajeto. Colocou até faixas com a mensagem: "Ônibus Grátis da Prefeitura — Não quebre hoje o seu ônibus de amanhã".

Por volta de 13 horas, até o presidente da CMTC, Paulo Sandroni, apareceu para inspecionar o trabalho de embarque das torcidas e comemorava a eficiência. "Esse novo sistema que paga 2% da partida para a Companhia é ótimo", garantiu. "Cobre os custos da empresa, garante o transporte gratuito e ajuda a diminuir depredações".

Se alegraram os torcedores, os ônibus grátis entristeceram os donos de peruas que fazem lotação para o estádio. No início da tarde, vários deles aguardavam que a fila na torcida corintiana aumentasse, na esperança de convencer os torcedo-

res a pagar Cr\$ 1.000,00.

"O ônibus é de graça, mas demora para embarcar", argumentava Joaquim da Costa a um torcedor que reclamava do preço. Sua perua Kombi estava vazia, mas ele continuava confiante: "Essa fila vai crescer e ninguém vai querer esperar".

Os cambistas ofereciam discretamente ingressos de arquibancada e geral por Cr\$ 7.000,00 e Cr\$ 2.000,00, respectivamente, na fila dos ônibus. Na porta do estádio a pressão policial era maior e os preços mais baixos: entre Cr\$ 4.000,00 e Cr\$ 6.000,00 a arquibancada, enquanto a geral chegava, no máximo, a Cr\$ 1.500,00. Até 16 horas, a Polícia Militar havia efetuado 64 prisões — entre os detidos, 27 cambistas.

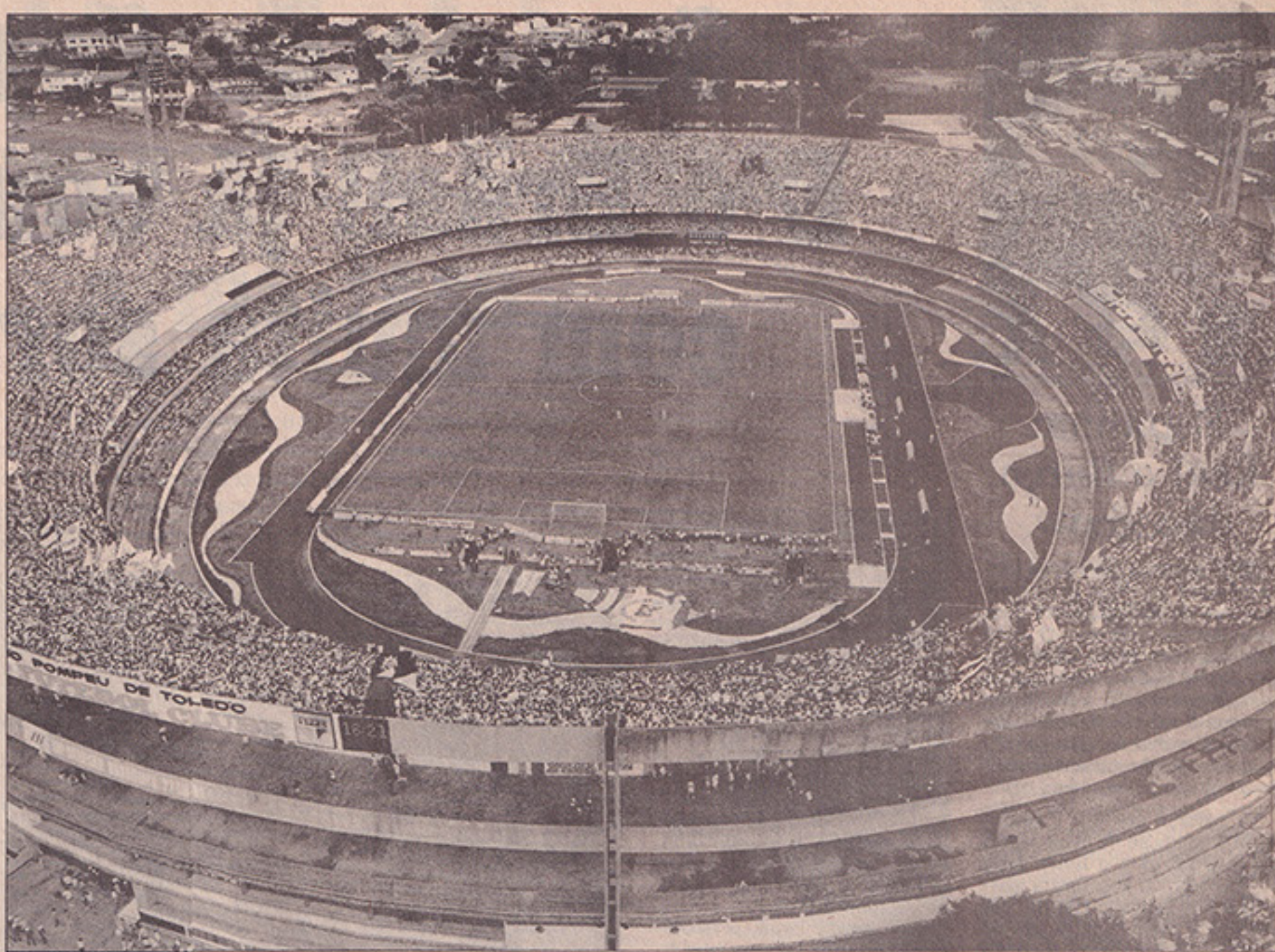
O clima entre os torcedores era mesmo de tranquilidade e às 15h30 não havia mais correria por ingressos ou filas para entrar no estádio. Os vendedores e ambulantes reclamavam das baixas vendas. "Essa crise está demais; vou ter de esperar o final da partida para ver se consigo faturar alguma coisa", queixava-se Sérgio Dagostinho Sare, vendedor de camisas e bandeiras. "Se um dos times vencer a torcida gasta mais dinheiro".

Ambulantes: concorrência.

Além de fazer o torcedor segurar os gastos, a crise também levou mais marreteiros para a porta do estádio, outra queixa entre os ambulantes cadastrados. "A concorrência está muito grande; é difícil trabalhar assim", dizia o vendedor de cachorro-quente José Paulo Pinto. "Ainda fiquei na torcida do São Paulo quando quem gasta mais são os corintianos".

Um dos novos marreteiros levados pela crise para a porta do estádio era a massagista Lurdes Santos, que nunca tinha ido a um estádio de futebol em sua vida e ontem tentava vender cerveja e refrigerante com suas duas filhas. "A situação está tão ruim que foi uma maneira de tentar aumentar o orçamento", contou Lurdes. "Até agora não consegui vender nada, mas está valendo a pena só para ver toda essa festa das torcidas".

Ferdinando Casagrande



Morumbi lotado muito antes do jogo começar, ônibus de graça para o torcedor e o sistema de segurança montado na cidade, funcionando sem problemas. Um dia calmo, apesar da decisão.

PAZ. ESTRANHA E SURPREENDENTE.

Os policiais se prepararam para uma guerra que não houve: o confronto entre corintianos e são-paulinos não aconteceu.

Surpresa. O coronel Faroro do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar estava surpreso com a paz nos arredores do estádio do Morumbi. Desde às 10 horas, quando os primeiros ônibus carregados de torcedores de ambos os times saíram para o estádio, até ao final do primeiro tempo da partida, às 18 horas, não existiram depredações, bombas, facadas, tiros ou mortes. A maior irregularidade registrada foi o aparecimento de oito ingressos falsos, na rampa C. "Eles tiram foto do oficial e falsificam. Espero que não haja mais ingressos deste jeito", falava Dárcio José Marques, supervisor de fiscalização da Federação Paulista.

No final, o clima de hecatombe esperado pelos 3000 guardas mobilizados foi pulverizado por uma inesperada paz. "Pode parecer estranho, mas isso surpreende. Está tudo calmo, sem confusões nos ônibus, trânsito normal. Enfim, graças a Deus. A Polícia estava preparada para enfrentar coisa pior e não precisamos", explicava o coronel.

De acordo com próprio Batalhão da PM, registraram-se algumas "pequenas ocorrências": foram presos oito guardadores de carro, 38 cambistas, 42 torcedores por embriaguez e desordem, além de algumas detenções por porte de maconha. Pelo posto médico instalado dentro do estádio, passaram aproximadamente 55 pes-

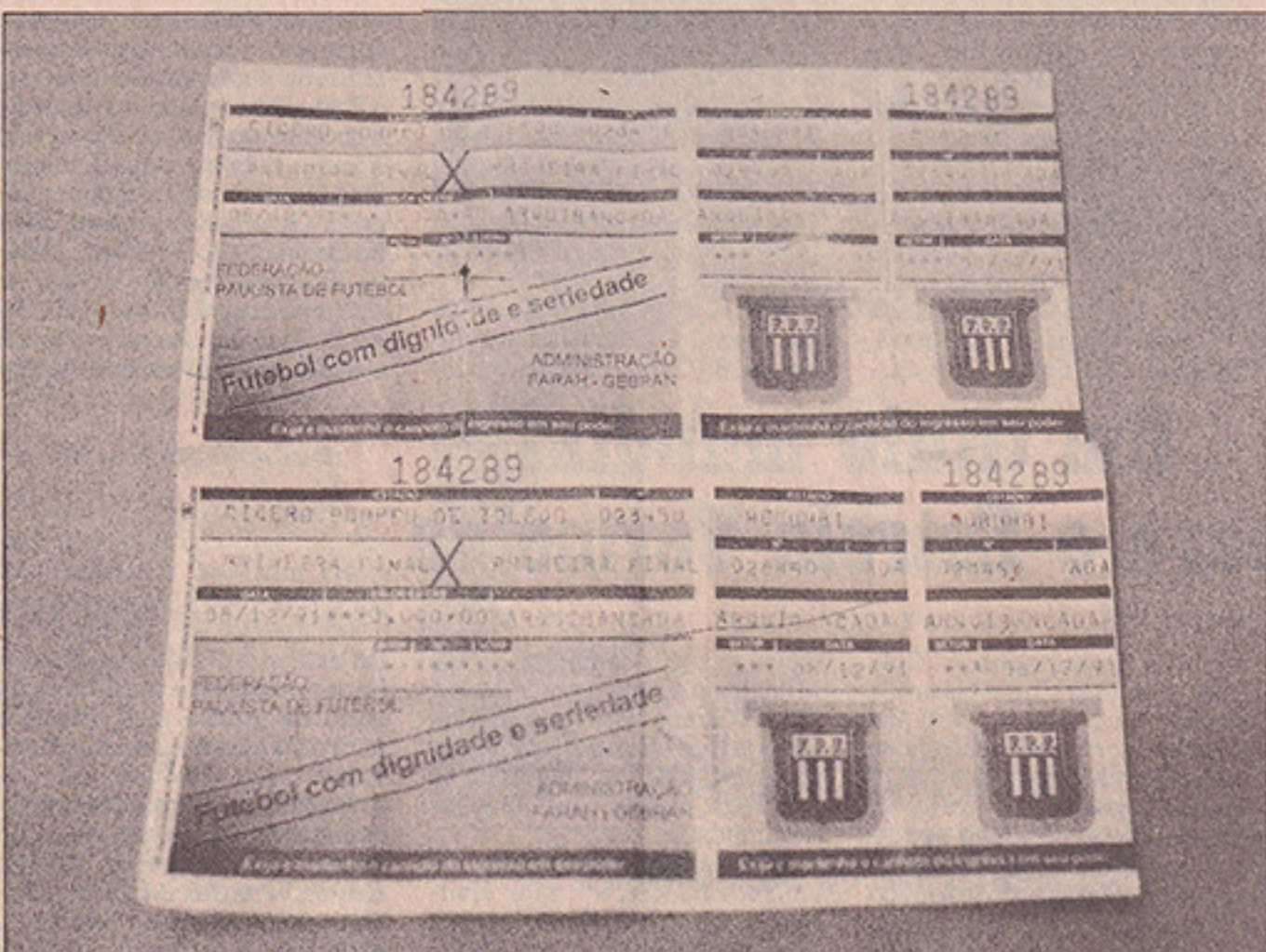
soas, com enjôos, dores de cabeça e tonturas. O caso mais grave aconteceu no final, quando um copo, atirado pela janela de um dos ônibus da CMTC que deixavam o estádio, atingiu o garoto Wildsor Bueno, ferindo-o no braço direito e no rosto. De quebra, uma pombinha foi levada aos médicos com a asa quebrada por uma pedrada, e encaminhada ao veterinário mais próximo.

Cordialidade, entre torcidas e presidentes.

Em torno do Morumbi, o clima era de cordialidade. Corintianos e são-paulinos até se cumprimentavam, pediam um cigarro e os mais fanáticos organizavam apostas. Alguns corintianos, como por exemplo o apresentador Serginho Groisman, arriscavam um placar: "Um a zero, Coringão".

No saguão, os dois presidentes, Vicente Matheus e José Eduardo Pimenta, conversavam: "Eu quero ouvir da torcida aquele grito de goooooo!!!", dizia Matheus. "E eu quero ouvir dois gritos de goooooo!!!", respondia Pimenta.

Quem também circulava pelo saguão era presidente da Portuguesa, Arnaldo Faria de Sá, recentemente reeleito, que anunciava oficialmente sua candidatura à presidência da Federação Paulista, em 1993. "Sou candidato à presidência da Federação, com o



Ingressos falsos: Irregularidades que apareceram na rampa C.

apoio do Farah, o que já é, sem dúvida, um grande passo para a vitória".

Mas a declaração mais pesada dos bastidores, ontem, ficou por conta do zagueiro Adilson, do

São Paulo, que, minutos antes do início da partida, dava a opinião dele sobre quem era o melhor técnico de futebol da atualidade: "O Cilinho é o melhor, sabe tudo sobre futebol. E foi ele quem me deu

valor. Temos que tomar muito cuidado, principalmente no segundo tempo, para o Corinthians não ganhar a partida".

Vinícius Mesquita, especial para o JT.

Corinthians precisa vencer duas vezes

O São Paulo pode até perder o jogo do domingo que será campeão, desde que garanta o empate na prorrogação. O Corinthians precisa vencer no tempo normal e na prorrogação para ficar com o título. O regulamento do campeonato garante a vantagem para a equipe de melhor campanha. O São Paulo soma até aqui 53 pontos contra 44 do Corinthians.

O presidente José Eduardo Mesquita Pimenta não se arrepende de ter assinado o regulamento antes do início do campeonato. Sua equipe chegou às finais com a melhor campanha garantida com as vitórias sobre as equipes do Grupo B da primeira fase.

INGRESSOS — Algumas numeradas para a partida de domingo já foram vendidas na semana passada. Os ingressos voltam a ser vendidos hoje das 9 às 18 horas na Federação Paulista, e das 9 às 17 horas no Parque São Jorge e no Morumbi. A geral custa Cr\$ 500, arquibancada e cativas Cr\$ 3 mil, numerada inferior Cr\$ 6 mil e numerada superior Cr\$ 10 mil. É recomendada uma compra antecipada dos ingressos. Na semana passada, os bilhetes de arquibancada se esgotaram na quinta-feira.

A primeira obra-prima de Raí: ele recebeu de Macedo, carregou a bola sem marcação e bateu de fora da área, no alto, sem qualquer chance para Ronaldo. Uma demonstração de força do São Paulo, a caminho do título.



Três gols. E a consagração de Raí.

Surpreendente durante a decisão, sóbrio na análise da atuação, Raí alcançou a consagração e é reconhecido até pelos companheiros: é mesmo o melhor do Brasil.



A consagração veio mais cedo do que o próprio Raí esperava. Autor dos três gols que aniquilaram o Corinthians e praticamente garantiram o 17º título paulista ao São Paulo, Raí disparou para o vestiário ao ouvir o apito final, preocupado em organizar melhor as ideias. "Tudo foi inesperado, desde o número de gols até a forma como eu consegui marcá-los. Por isso, precisava parar um pouco para pensar", comentou.

Raí tinha realmente o que pensar: já consagrado como artilheiro do Campeonato Paulista com 20 gols (fato que o iguala ao irmão Sócrates, goleador no torneio de 76 pelo Botafogo), o meia solidificou a fama que o rodeia como o melhor jogador em atuação no futebol brasileiro. Uma consagração ratificada pelos companheiros. "Ninguém pode ter dúvida de que ele é o melhor do Brasil hoje. E quem tiver precisa assistir à reprise do jogo: a bola sempre passa pelos pés de Raí, que sabe o momento certo de armar jogadas e de destruir", disse o lateral Nelsinho.

A atuação de Raí definitivamente foi consagradora. Além das já conhecidas jogadas com Cafu e Müller pela direita — e da opção de lançamentos para o goleiro Zetti — o meia comandou a temperatura do time, decidindo o momento exato de esfriar a empolgação adversária (que se resumiu ao início do jogo e do segundo tempo) e, principalmente, de aproveitar o nervosismo corinthiano para bombardear com contra-ataques.

"Eu precisava passar por essa experiência. Fiquei muito chateado com as críticas da semana passada de que o São Paulo agora só se aproveita do regulamento e joga em primeiro lugar pelo empate", desabafou. "Ninguém pode ser campeão assim, sem sentir uma dor na consciência... Contra o Corinthians, pudemos mostrar mais uma vez que estamos por acaso na chamada 2ª Divisão. E que, contra o Palmeiras, aquele não era o verdadeiro São Paulo".

Dos três gols, Raí escolheu o primeiro como o mais bonito e mais importante, pois aconteceu em um momento crucial do jogo. "Eu já vinha falando para o Macedo que o Corinthians estava



O Corinthians jogou aberto e facilitou o trabalho do ataque são-paulino

O São Paulo, espantado.

Até os jogadores são-paulinos procuravam justificar o resultado, considerado incomum para uma final. Mas procuravam conter o entusiasmo.

Os próprios jogadores do São Paulo não escondiam o espanto pelo resultado obtido ontem no Morumbi. Marcar 3 a 0 em uma final não é um resultado comum. Por isso, não faltavam explicações. "Eles (corinthianos) jogaram abertos, uma tática suicida para enfrentar uma equipe como o São Paulo", comentava Nelsinho. "De todas as nossas preocupações, somente as descidas do Giba e do Jacenir nos deram trabalho", concluía.

Müller era mais exultante em sua observação: "A experiência são-paulina falou mais alto. Enquanto o adversário discutia em campo e tentava arrumar os erros, nosso time marcava no momento certo e, quando conquistava a posse de bola, sabia descer sem desespero". O ponta até colaborou para aumentar o nervosismo no Corinthians dando co-

oveladas no zagueiro Marcelo. Na verdade, a vitória do São Paulo despontou como um desabafo da equipe, incomodada com as críticas de que vem atuando no limite previsto pelo regulamento. E, pior, sempre na retranca. "Contra o Palmeiras é lógico que jogáramos pensando no empate como um bom resultado. Ali nós decidíamos um vaga para a final", ponderava o zagueiro Ronaldo. "Contra o Corinthians a situação foi diferente. Nós ainda disputaremos mais um jogo. Ficamos com liberdade de jogar como gostamos, ou seja, no ataque."

A senha ideal para os são-paulinos foi mostrada logo aos 16 minutos de jogo, quando surgiu o primeiro gol. Ai a equipe de Telê Santana passou a trabalhar melhor a troca de passes, lançamentos alternados pela

ponta e lateral e, principalmente, chutes a gol. "Depois que fizemos o primeiro, ficou mais fácil preparar as jogadas de meio-de-campo, justamente o ponto ideal para um time vencer o jogo", percebeu o volante Suélio, fiel escudeiro de Raí.

Sem euforia

Mas euforia não era exatamente o que se podia observar entre os jogadores do São Paulo, apesar do aumento da vantagem para a próxima partida. "Ainda é cedo para pensar em faixa", comentou Müller, ironizando o diretor de futebol do Corinthians, Carlos Aurichio, que mandou confeccionar algumas faixas na semana passada.

As boas maneiras, porém, não encobriam a certeza dos jogadores do São Paulo de que apenas

cumprirão tabela no próximo domingo. Abraçados no vestiário, todos eles se cumprimentavam e sorriam efusivamente. Apenas Cafu conseguiu esconder no pensamento, comentando que "Raí deu o título para o São Paulo". Apressado em retificar, gaguejou excessivamente e riu.

A preocupação dos cartolas agora é com o adiamento do julgamento do zagueiro Antônio Carlos, marcado para a noite de hoje no Tribunal de Justiça Desportiva. Como já foi julgado pelo mesmo motivo anteriormente (expulsão), o zagueiro pode ser punido com até três partidas, o que lhe tira o direito de disputar a final de domingo. Os dirigentes do São Paulo tentarão adiar o julgamento para a próxima semana, o que vai transformar qualquer pena em multa.

U.B.

► permitindo dar toques de primeira, o que era surpreendente. Assim, tínhamos que nos aproveitar", lembrou. De fato, aos 16 minutos de partida, Macedo enganou três adversários com um toque sutil e tocou para Raí, que caminhou com a bola e, da intermediária, chutou forte, de perna direita, encobrindo o goleiro Ronaldo. "Quando recebi de Macedo, percebi que as duas laterais estavam fechadas. Não recebi combate e vi que Ronaldo estava adiantado; resolvi arriscar".

O arrojo imediatamente despertou nos eufóricos de plantão, a comparação com Sócrates — fato que desagradou ao meia do São Paulo. "Ainda é cedo para se dizer isso. Hoje não sou nem um terço do que o Sócrates foi", reconheceu ele que, coincidentemente, apresentou outra característica do irmão ao cobrar o pênalti: cercado pelo goleiro, não se importou com a catimba de Ronaldo. "Ele disse que eu já tinha marcado um gol no jogo, por isso a bola ficaria com ele. Só dei uma risada e botei mais força no chute".

Sóbrio, sempre.

E se a habilidade técnica era descartada na comparação com Sócrates, Raí não conseguiu fugir da lembrança do terceiro gol.

— Quando o Elivelton ia cobrar o escanteio, o nosso zagueiro Ronaldo se movimentou na área, perto da segunda trave, enquanto eu fiquei na primeira. Assim, só tive o trabalho de cabecear no ângulo — explicou.

A sobriedade em campo, Raí manteve depois da partida. No discurso do meia, o Corinthians voltará muito mais afoito no próximo jogo.

— Não só pela necessidade, pois o título está em disputa. Mas também pelo orgulho ferido. Assim, não temos que jogar como hoje (ontem), não dando nenhum espaço — receitou. Em seu íntimo, Raí espera também repetir a mesma dose da goleada de ontem, aproveitando-se de uma fase tão estupenda que o rodeia até fora de campo: apesar de disputar com cerca de trinta pessoas, Raí conseguiu o mais cobiçado prêmio na rifa promovida pela caixinha dos jogadores, uma TV em cores.

Ubiratan Brasil

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ